

A HISTÓRIA ESCREVE-SE DO PRESENTE

Oriundo de família judia, Eric Hobsbawn nasceu em 1917 no Egito, passou boa parte da sua infância entre a Áustria e Alemanha, de onde fugiu para a Inglaterra devido ao início da perseguição nazista. Reconhecido como um dos intelectuais mais influentes da segunda metade do século XX, Hobsbawn foi cofundador da revista *Past and Present* e autor de uma vasta e abrangente produção acadêmica, escrevendo sobre variados temas, desde revoltas e rebeliões de camponeses e trabalhadores ingleses no século XVIII até uma obra sobre história social do jazz. Apesar da variedade de assuntos que tratou, o intelectual manteve-se coerente com uma linha de interpretação histórica marxista durante toda sua vida. Sua atuação também ultrapassou as fronteiras da academia, tendo sido militante do partido comunista inglês durante décadas e permanecido ligado a ele mesmo após a dissidência de uma série de historiadores ingleses em 1956, devido a discordâncias com a política stalinista.

Durante os primeiros dias de agosto, Hobsbawn esteve no Brasil para participar da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), que reuniu vários escritores brasileiros e estrangeiros durante quatro dias de conferências e debates. O historiador inglês foi a grande estrela da festa, com a conferência mais concorrida.

O conteúdo de sua conferência centrou-se, principalmente, em temas relacionados com seu último livro, a autobiografia

intitulada *Tempos interessantes, uma vida no século XX*. A riqueza de sua fala e a acuidade de sua exposição permitem reflexões não apenas sobre os assuntos tratados nesse livro mas, também e principalmente, sobre a relação do historiador com seu trabalho.

Este tema, já interessante por si só, torna-se ainda mais rico quando se trata de uma personalidade como Hobsbawn, que revelou em sua trajetória uma posição política bastante determinada e uma verdadeira passionalidade, não despidida de profunda erudição e precisão metodológica, na construção de suas interpretações.

De fato, talvez uma das principais preocupações do autor ao escrever sua autobiografia, e ao falar sobre ela, tenha sido explicitar a idéia de que o historiador constrói o passado a partir do presente. Sua concepção é que todo estudioso de história, qualquer que seja seu assunto, , ao mesmo tempo que investiga o passado, está “*pensando e expressando opiniões a respeito do presente e suas questões e falando a respeito delas*”. (1)

É bastante claro também que Hobsbawn concebe a possibilidade de diferentes interpretações históricas sobre o mesmo evento, originárias de diferentes opções políticas de seus autores, o que



O historiador Hobsbawn, durante sua estada em Paraty (RJ)

revela, de certa forma, como as condições presentes da produção do conhecimento histórico interferem em seu conteúdo. Mas, mais do que isto, considera legítimos todos esses embates ideológicos interpretativos e defende suas posições de maneira bastante convincente. Cabe aqui lembrar, a título de exemplo do comprometimento da obra de Hobsbawn com sua posição política, seu livro *Ecos da Marselhesa*, escrito a propósito da comemoração do bicentário da Revolução Francesa. No texto quase panfletário, o autor revela textualmente que sua principal motivação era, nada mais nada menos, a sua irritação com o revisionismo histórico que retirava grande parte do conteúdo social da revolução. Dialogando especificamente com o historiador francês François Furet e seu livro *Pensando a Revolu-*

ção Francesa (2), sugere que há duas correntes interpretativas da revolução, e que “as versões revisionistas não são os melhores guias para compreender o papel histórico da revolução e suas consequências. Somente alguns revisionistas acham que são”.(3)

Entre outras razões, é devido ao fato de que o historiador está intrinsecamente ligado ao presente, que a história não permite, ou não perdoo, posições monolíticas. Novas conjunturas presentes estão sempre propondo novas interpretações para eventos passados, o que torna ainda mais importante a autobiografia de um autor tão importante e longo como Hobsbawn. Ele presenciou conjunturas políticas bastante diferentes ao longo de sua vida, tais como a ascensão do nazismo, a Segunda Guerra Mundial e a reorganização política mundial após seu término, bem como a destruição da polaridade estabelecida como seu resultado e finalmente a hegemonia militar norte-americana ainda presente.

Durante a entrevista coletiva após sua conferência, Hobsbawn foi questionado se ainda achava o comunismo uma “boa idéia”. Sua resposta procurou demonstrar a possibilidade prática de manter a coerência essencial de posições políticas ao longo do tempo, da mesma forma que é possível refletir criticamente sobre o passado e compreender transformações conjunturais. Em sua fala, confere grande importância a movimentos socialistas e comunistas dos séculos XIX e XX, “*não apenas pelos seus ideais, mas também por sua capacidade de mobilizar os pobres para conquistar seus direitos e forçar concessões dos ricos*”. Nota, entretanto, que o comunismo da forma como foi implantado

na antiga União Soviética e na China, o qual defendeu, como mostra sua permanência no partido comunista em 1956, falhou. Mas, segundo ele, a idéia de uma sociedade melhor permanece em seu trabalho e a crítica do capitalismo, que era o coração da análise de Karl Marx, é mais necessária do que nunca porque os problemas criados pela atual fase do capitalismo são muito sérios para o futuro da humanidade. Cada uma das obras do historiador já se coloca como uma verdadeira aula de história, mas a conferência em Paraty e sua autobiografia permitem, para além disso, recuperar as experiências da construção desta grande personalidade do século XX e perceber na prática como a história escreve-se do presente. É certamente impossível resumir em poucas palavras as inúmeras lições presentes no último livro de Hobsbawn, um histo-

riador que mantém, viva e sempre renovada, a tradição interpretativa marxista, mas talvez uma das mais importantes esteja contida justamente em uma passagem que o intelectual cita Marx, ainda no prefácio de sua autobiografia: “os homens fazem [suas vidas], mas não [as] fazem como desejam, não [as] fazem nas circunstâncias escolhidas por eles, e sim nas circunstâncias diretamente encontradas, proporcionadas e transmitidas pelo passado e pelo mundo à volta delas”.

Alexsander Gebara é historiador, doutorando em história social pela USP.

OBRAS CITADAS

1. Hobsbawn, E. *Tempos interessantes, uma vida no século XX*, São Paulo, Cia. das Letras, 2002. p. 311.
2. Furet, F. *Pensando a Revolução Francesa*. Paz e Terra, São Paulo, 1989.
3. Hobsbawn, E. *Echoes of the Marseillaise*. Verso, London, New York, 1990.

Reprodução



OBRAS DE REFERÊNCIA

Se o historiador Eric Hobsbawn é bastante conhecido mesmo fora do círculo dos estudiosos de história, talvez isso se deva principalmente a sua série de publicações mais famosas: a trilogia *A era das revoluções, 1789-1848*, *A era do capital, 1848-1875* e *A era dos impérios, 1875-1914*. Estes livros buscam explicar, de maneira ampla e profunda, o “longo século XIX”. A esta série acrescentou-se, um pouco mais tarde, um quarto livro, *A era dos extremos*, dedicado, por sua vez, ao estudo do “curto” século XX. Esses textos, apesar de resultarem de pesquisas extremamente vastas, foram escritos numa linguagem bastante acessível e, de acordo com o próprio autor, procuram apresentar temas históricos a uma camada cada vez mais ampla e não especializada de leitores.

São obras indispensáveis para qualquer um que se interesse pela compreensão da sociedade humana contemporânea. Abordam assuntos de história social, política, cultural e científica de uma maneira clara e prazerosa, além de fornecerem uma excelente introdução ao estudo de vários temas da história ocidental.